

## Zelins, Flamengo até morrer!

*Zelins, então como é Deus?*

*Em forma de esfera.*

*Uma bola de futebol.*

*Do Flamengo.*

(Murilo Mendes)

Para muitos amigos ficou esta imagem de José Lins do Rego, na *miniatura* do amigo Murilo Mendes que é parte de sua *Prosa portátil*. Fala Murilo de alguns ausentes de presença permanente na sua afeição, lembrança e admiração. Seus *mortos-vivos*, como os chama o poeta de *As metamorfoses*. Um dos quais Zelins. Deus é uma esfera, uma bola de futebol. A perfeição: do Flamengo, é claro.

Murilo exagera? Mas o próprio Zelins será - não poucas vezes - o alegre exagero, ao falar do Flamengo. Irá mesmo causar escândalo ao afirmar que o tricampeonato do Rubro-Negro carioca, em 1944, é mais importante para o povo brasileiro do que as batalhas de Stalingrado. Isto em plena Segunda Guerra Mundial. Mas, ao mesmo tempo, lembra - em conversas e nas suas crônicas da rubrica *Esporte e Vida*, no *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro, onde escreve nos decênios de 1940 e 50 - que o Flamengo soubera fazer-se representar e muito bem na guerra da Europa. Mandara para o *front* seu principal *artilheiro*, seu *canhão*, seu *tanque de guerra*... como é referido, nas charges da época o comandante-de-ataque flamengo Perácio. (Tipo inesquecível do folclore esportivo e chutes mais potentes da história do futebol brasileiro).

**Mas o próprio Zelins será - não poucas vezes - o alegre exagero, ao falar do Flamengo. Irá mesmo causar escândalo ao afirmar que o tricampeonato do Rubro-Negro carioca, em 1944, é mais importante para o povo brasileiro do que as batalhas de Stalingrado.**

Para Zelins não havia dúvida: consagrou o termo flamengo - com inicial minúscula - para designar o atleta ou torcedor, qualquer pessoa e qualquer coisa ligadas ao Flamengo. Assim, as modalidades esportivas praticadas: futebol flamengo, basquete flamengo; e claro, em maiúscula, o Clube. Aquele tão seu Flamengo. *Flamenguista* era pejorativo e não se devia dizer. (Como não se diz fluminensista.) José Lins do Rego será nisto - no uso do termo flamengo como uma espécie de adjetivo gentílico, próprio dos que são parte, do que é parte da Nação Rubro-Negra - seguido por outros escritores como Paulo Mendes Campos, Mário Filho e José Honório Rodrigues. Tem mais: seu amigo Aurélio Buarque de Holanda - o Aurélio Dicionário - dá o verbete flamengo (entre outras, é claro), oficialmente a aceção de "adepto do Flamengo, clube ou time de futebol do Rio de Janeiro".

O futebol e o Flamengo são por vezes pontos de partida para José Lins do Rego tocar nos mais diversos temas em suas *1571 Esporte e vida do Jornal dos Sports*. Sob o título "O cronista, a borboleta e os urubus", trata de uma consciência ecológica. Um tema que só se tornaria corrente, sabemos, na imprensa brasileira, mais de quatro décadas depois.

Quase meio século antes da proliferação mundial dos partidos políticos ditos verdes e da realização da conferência da ONU (Rio Eco-92) para examinar problemas ambientais finisseculares, Zelins demonstra sua preocupação com a qualidade de vida no Rio de Janeiro. Foi um ribeirinho da Lagoa Rodrigo de Freitas, conforme sabemos. Sua casa à Rua Garzon, 10, ficava perto do campo do Flamengo, na Gávea. "Uma coisa muito peculiar dele", lembraria a filha Eliza-

O futebol e o Flamengo são por vezes pontos de partida para José Lins do Rego tocar nos mais diversos temas em suas *1571 Esporte e vida do Jornal dos Sports*.

beth Lins do Rego, em palestra nos 80 anos de Zelins, "era não dizer a minha casa, dizia a Garzon, 10". Doente, já desenganado no Hospital dos Servidores, perguntava à mulher, às filhas: "Como vai a Garzon, 10?" (e não, como vai nossa casa), ou, fingindo um excessivo zelo fiscalizador: "Estão cuidando bem da Garzon, 10?" À pergunta de pessoas amigas ou alguém da família sobre se desejava alguma coisa que pudessem providenciar para seu maior conforto, no hospital, dizia: "Quero voltar para Garzon, 10".

Entre a Garzon 10 e o campo do Flamengo, o cronista festeja uma bela manhã carioca daqueles tempos: "Uma festa de luz sobre as águas, os morros. Alguns barcos ainda se encontravam na lagoa, e os pássaros dos arvoredos da Ilha do Piraquê cantavam com alegria de primavera." Zelins diz que vai em busca das borboletas azuis do "caro Casimiro de Abreu" (o autor que cita logo na abertura de suas memórias dos *verdes anos*. Mas, em vez das borboletas azuis que frequentam os campos floridos do poeta romântico, encontra "soturnos urubus a passearem a passo banheiro por cima do lixo, das imundícies, dos animais mortos, de toda a podridão que a Prefeitura vai deixando ali, por detrás dos muros do Jockey Club". Termina o cronista esta *Esporte e vida* denunciando "o desprezo, o quase ódio que os homens da Prefeitura guardam pela formosa Lagoa, pouso de urubus". (A título de curiosidade, lembremos que o Flamengo faria do urubu seu símbolo. Mas, isto, muito tempo depois).

"Uma festa de luz sobre as águas, os morros. Alguns barcos ainda se encontravam na lagoa, e os pássaros dos arvoredos da Ilha do Piraquê cantavam com alegria de primavera."

Zelins:

Sem ser homem de *igrejismos*, Zelins cultivava uma espécie de religiosidade bem própria. Elegeu seu santo de fé o rapazinho de Umbria que, no começo do século XIII, rompe com o mundo utilitário para dedicar-se à

pobreza evangélica. Numa *Esporte e vida* à maneira de quase minievangelho gnóstico, fala o cronista de tempos obscuros em que eminentes católicos "fizeram da tortura do corpo, da reclusão monástica, do pavor à alegria, quase um sistema de salvação". Por isto, será o autor de *Cântico ao sol*, além de santo ecológico, o mais indicado protetor dos desportistas: "Apareceu um Francisco de Assis com seu cantar de filho de Deus e saiu pelo mundo a fóra a honrar as belezas da natureza, o sol, as estrelas, as águas, o mar, e até a força do irmão lobo. Era Cristo que descia outra vez à Terra, para afirmar que o corpo não era um aparelho indigno e sujo."

## Futebol e Literatura

É José Lins do Rego, sem dúvida, a figura de intelectual brasileiro mais exemplar para se estabelecer a união de nossa literatura com o futebol. Pode-se falar de futebol na poesia de poetas poetíssimos como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (este, inclusive, tendo sido jogador nos tempos de estudante no Recife). Aparece o tema em contos de Lima Barreto, Alcântara Machado, Orígenes Lessa, Rubem Fonseca e tantos outros. Em romance de Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Tito Batini, Gilberto Amado, Antônio Olinto, Tomás Mazzoni, Heitor Cony e Macedo Miranda. Será tratado com o mais completo conhecimento especializado por José Lins do Rego em *Água-mãe*. Lembremos: é livro que para muitos - Rachel de Queiroz e Valdemar Cavalcanti o dizem verdadeiramente *introduz* o tema na ficção brasileira.

Na verdade ninguém viveu o futebol como José Lins do Rego. Ninguém escreveu mais e melhor sobre

futebol, entre nossos escritores mais representativos, que esse bravo filho de Pilar, Paraíba, um quase *carioquizado* pelo amor ao Flamengo. (Não fosse a paraibanidade, nele, essencial, jamais abrindo mão de ser um nordestino de boa cepa paraibana.)

A força maior da literatura de José Lins do Rego parece vir do contato direto com o povo, que nunca deixou de manter. Os caminhos da ficção que nos legou passam pelo eito dos engenhos-de-cana da várzea do Paraíba (seu rio mítico), da mesma forma que pelos vestiários dos clubes de futebol cariocas.

"Vou ao futebol e sofro como um pobre-diabo." Nesta frase de José Lins do Rego está todo o fundamento popular da *brasildade* que o anima; e uma síntese admirável de sua perfeita integração ao ambiente e com o povo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Sobretudo porque a causa maior do sofrimento referido eram as campanhas do Flamengo.

Por que o Flamengo? "Há no Flamengo", escreve José Lins do Rego, "esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas. Quando nos apertam as dificuldades, lá vem o Flamengo e agita nas massas sofridas um pedaço de ânimo que tem a força de um remédio heróico. Ele não nos enche a barriga, mas nos inunda a alma de um vigor de prodígio."

Para nosso Zelins é o futebol, "como o carnaval, um agente de confraternidade". Acentua: "Liga os homens no amor e no ódio, faz que gritem as mesmas palavras e admirem e exaltem os mesmos heróis. Quando me jogo numa arquibancada, nos portões de um estádio cheio,

É José Lins do Rego, sem dúvida, a figura de intelectual brasileiro mais exemplar para se estabelecer a união de nossa literatura com o futebol.

"Vou ao futebol e sofro como um pobre-diabo." Nesta frase de José Lins do Rego está todo o fundamento popular da *brasildade* que o anima.

ponho-me a observar, a ver, a escutar. E vejo e escuto muita coisa viva. Vejo e escuto o povo em plena criação."

## Esporte e vida

Nos textos para o *Jornal dos Sports*, quando fala de uma vitória do Flamengo, o cronista não diz como qualquer outro a vitória do Flamengo, mas se assume inteiramente torcedor, passionadamente flamengo; é "nossa vitória". Quem quisesse fosse achar ruim. Aos que exigem, se explica: "Sou imparcial nestes meus artigos esportivos. Procuo ser. Analiso a coisa esportiva da maneira mais serena possível. Acontece que de vez em quando me inclino um pouco para o Flamengo, que é meu time." Com o ar mais caviloso do mundo, conclui: "Não sei como é que isso acontece."

Caviloso, aliás, é palavrinha que irá provocar o maior fuzuê, rebu dos diabos, quizumba feia quando usada por Zelins com referência ao técnico Ondino Vieira, do Vasco. Valerá vaia e briga. Uma vaia unânime e colossal da galera do Almirante. Ossos do ofício de escurecer laudas. O colunista recorda, em sua rubrica do *Jornal dos Sports*. "A primeira vaia de minha vida conquistei por causa de uma palavra mal interpretada, numa crônica de bom humor. E a experiência da vaia valeu o *caviloso* pouco conhecido." Analisa, em seguida: "A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as *laranjas*... os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a crítica literária ou o jornalismo político."

"Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a crítica literária ou o jornalismo político."

Zelins

Tinha mais de 20 anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava, de uma multidão enfurecida, uma descarga de raiva como nunca sentira."

Zelins jura que ao chamar de caviloso o técnico do Vasco da Gama, quis apenas dizer que "era um manhoso, fingido nos agrados", pois esta é a aceção no Nordeste. Mas a galera vasca fora convencida de que o termo significaria capcioso, fraudulento e, suprema injúria, colocava em dúvida a própria virilidade do *acusado*. No Rio Grande do Sul, chega a garantir um dirigente gaúcho do Vasco, o termo quer dizer o mesmo que maricas, afeminado. Daí a vaia, as pressões no campo de São Januário. Zelins passa a ser visto por alguns como *inimigo* do Vasco. No entanto, acompanhando-o no *Jornal dos Sports*, veremos que muitas vezes e muito bem fala do bravo clube luso dos cariocas. Por exemplo, quando louva uma "Grande vitória do Vasco" numa *Esporte e Vida*: "O alto conselho do Vasco da Gama conferiu a Rachel de Queiroz e a Gilberto Freyre os títulos de sócios honorários. Sócios do Vasco, os dois maiores escritores do Brasil. Rachel, a cronista que é um manacial de vida, romancista que arranca das pedras e das caatingas do seu Ceará tipos humanos que abafam pela sua realidade pungente, a grande Rachel."

E o mestre Gilberto Freyre, o verdadeiro criador de uma forma literária, o gênio que deu aos nossos estudos sociológicos uma verdadeira importância mundial. Grande vitória do Vasco."

Para compensar que Rachel e Gilberto sejam gente do Vasco (sem conseguir que virem a casaca), José Lins do Rego contará com esta declaração enfática de outro

Zelins jura que ao chamar de caviloso o técnico do Vasco da Gama, quis apenas dizer que "era um manhoso, fingido nos agrados", pois esta é a aceção no Nordeste.

amigo dileto: "Meus amigos e meus inimigos, sou Flamengo e rasgado. Por que o Flamengo? Porque acho o nome bonito e porque é o Clube do Zelins." Quem assina? Não menos, Manuel Bandeira.

Paulo Mendes Campos registrou em crônica o entrevero Vasco X José Lins do Rego: "Uma vez, no campo do Vasco, durante um sururu, a Polícia Especial atirou o corpulento romancista por cima do aramado. Zelins costumava dizer, depois disso, que passou a ser o homem mais valente do Rio de Janeiro, pois, no inquérito policial, figurou como agressor da Polícia Especial."

Nenhuma agressão fará José Lins do Rego deixar sua postura, mantendo-se sempre - conforme escreve em *Esporte e vida* - "com o mesmo ânimo, com o mesmo flamenguismo, com a mesma franqueza". Logo na primeira crônica, faz questão de dizer como será seu comportamento na folha que o acolhe e divulga: "Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima do meu próprio coração de rubro-negro."

Em outra crônica - esta, comentando uma vitória do Flamengo - Zelins lembrará que "o pranto é livre", e, portanto, a torcida adversária *pode* chorar à vontade: "Podem chorar, porque ainda é o pranto uma das coisas livres neste mundo de Deus. Chorar, choraram os judeus, no muro das lamentações, há dois mil anos, e as lágrimas compridas dos filhos de Jeovah nunca secaram em seus olhos. E nem pelo choro foram queimados. Podem chorar, e fazem muito bem, porque o choro alivia as dores, todas as dores, as da cabeça e as dores de cotovelo."

"Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima do meu próprio coração de rubro-negro."

Zelins

"Que chorem, e chorem muito. Que as lágrimas rolem como no samba, que as lágrimas desçam da face abaixo, como torrente. Chorem. Deus gosta dos que derretem suas iras na água salgada que salta do peito. Chorem muito, chorem como um bezerro desmamado. Chorem, meus amigos, que o pranto é livre."

## Há mais tempo

O Flamengo fazia Zelins tão alegre que ficava "triste de não ser Flamengo há mais tempo".

Foi só em 1938 que passou a dedicar maior atenção ao futebol. Até então, fora "mais ou menos indiferente". Nascido na Paraíba, José Lins do Rego estudou Direito no Recife e se fez funcionário público em Minas Gerais e Alagoas. Talvez por isto - ou esse nomadismo constituísse também razão - não se havia vinculado mais profundamente a nenhum clube. Mas, em 38, se sente totalmente fascinado por Leônidas. O Diamante Negro assombra o mundo na Copa da França. Zelins está ao pé do rádio, torcendo pelo Brasil. E por Leônidas. O Brasil não chega ao título máximo, mas o Diamante Negro é consagrado como o Craque da Copa. Seu artilheiro, com oito gols. Zelins, então, é *Leônidas*, começando por isto a amar o Flamengo, o time carioca do grande ídolo. (Uma paixão que não pode ser comparada à discreta simpatia pelo América do Recife, nos tempos de estudante em Pernambuco.)

O emotivo José Lins do Rego podia ser o mais alegre ou o mais triste torcedor diante de um placar. Como qualquer autêntico galera, fanático ou *sufredor* do jogo de bola. E foi uma personalidade importante do mundo

Mas, em 38, se sente totalmente fascinado por Leônidas. O Diamante Negro assombra o mundo na Copa da França.

esportivo. Convidado pelo então ministro da Educação, Gustavo Capanema (que tinha como Chefe de Gabinete seu amigo Carlos Drummond de Andrade), o homem de *Esporte e vida* integra o Conselho Nacional de Desportos. Chefia a delegação brasileira ao Campeonato Sul-Americano de 1953, em Lima, Peru. Faz-se Secretário da Confederação Brasileira de Desportos, que chegou a presidir interinamente. Funcionários da CDB, à época em que andou por lá (anos 1940-50) dizem que era um excelente Secretário, e que exerceu a Presidência de forma esplêndida. Aí provou, de fato, ser o anti-cartola, o oposto do amigo das mordomias e inimigo do trabalho. Resume Valdemar Cavalcanti: "Zelins foi um autêntico trabalhador do futebol."

Zelins toma posse na Academia já com a saúde muito abalada. Seis meses depois é internado no Hospital dos Servidores do Estado. Mal completara 56 anos de idade. À uma hora e quinze minutos do dia 12-IX-1957 morreu, tranqüilamente, tendo à cabeceira a esposa, as filhas e genros, alguns amigos e o médico assistente, Dr. Teobaldo Viana, dedicadíssimo durante os quase três meses de internamento e intenso sofrimento. À véspera, o padre Campos Gois, célebre pároco da igreja de São Judas Tadeu e seu companheiro de militância flamenga (rezava missa com a camisa do clube por baixo da batina), fora levar-lhe a extrema-unção. O atestado de óbito assinado pelo Dr. Teobaldo dá como *causa mortis*: cirrose do fígado, síndrome hepato-renal e acidose urêmica. "Foi um nordestino de fibra", completa o médico.

"Tenho o Flamengo no sangue (não fosse este vermelho como uma de nossas cores), e desde que me chamam para

seu serviço não sou mais do que seu escravo.

Admirável paixão que nos arrasta aos entusiasmos mais extremos e às tristezas profundas, mas paixão que nos ajuda a viver, que nos congrega em torcidas que não temem a chuva e o sol, que se sobrepõem aos nossos interesses particulares, para ser somente um flamengo, um simples homem de arquibancada, disposto a tudo.

Sou grato ao Flamengo, e por ele darei tudo o que puder."

Assim foi. Popularíssimo em vida, Zelins poderia ter sido eleito deputado ou senador. Não lhe faltariam votos da galera. E seria um homem de Estado. Preferiu singularmente, como gostava de dizer com tanta graça, ser homem de *Estádio* apenas.

#### Edilberto Coutinho

Doutor em Literatura - UFRJ e escritor  
Autor do livro "Maracanã, adeus - 11 Histórias de Futebol", Edições Tempo Brasileiro  
Vencedor do Prêmio Internacional Casa de Las Américas - Cuba

Zelins toma posse na Academia já com a saúde muito abalada. Seis meses depois é internado no Hospital dos Servidores do Estado. Mal completara 56 anos de idade.